A sexualidade e a mente

Uma força primordial e os conflitos com o moralismo no cerne da própria psicanálise

Claudio Castelo Filho,[1] São Paulo

Resumo: O autor defende que a sexualidade é uma força primordial da vida psíquica e descreve que, a despeito das aparências, é contumaz o moralismo na prática e pensamento psicanalíticos, a busca por reprimi-la ou normatizá-la. Argumenta que o papel do analista não é adaptar os pacientes às convenções sociais ou religiosas (amiúde a própria teoria "científica" utilizada e aplicada é impregnada desses valores), mas ajudá-los a reconhecer e pensar seus impulsos e desejos sem preconceito. Mostra, por meio de exemplos clínicos, institucionais, históricos e mitológicos, como tabus e hipocrisias institucionais produzem sofrimento e silêncio sobre a vida sexual. Conclui que a finalidade de uma análise é a de apresentar um indivíduo para ele mesmo, seja lá o que isso for, de modo a poder estabelecer um relacionamento genuíno consigo mesmo – caso não esteja em litígio consigo mesmo, pode tornar-se mais capacitado a lidar com as demandas e conflitos internos e sociais que se apresentam.
Palavras-chave: sexualidade, moralismo, psicanálise, hipocrisia, verdade

Roland: Você era responsável por nossos problemas sexuais, suponho?
Diabo: Certamente não. Sexo, como o xerez, frequentemente produz sentimentos perfeitamente genuínos de amor e afeição. Eu me valia dos vários professores religiosos e moralistas para inflamar o ódio para aquelas práticas agradáveis e inofensivas.
W. R. Bion

1 Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Mestre e doutor em psicologia social, artista plástico.

Neste trabalho faço uma expansão das ideias que publiquei com o título *Sexualidade – o tumulto das diferenças* no boletim da Febrapsi que antecedeu o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise em Gramado. Alguns dos exemplos clínicos que aqui retomo também estão nos capítulos 3 e 5 do meu livro *Os (des)caminhos de Édipo: resposta é o infortúnio da pergunta* (2023), pois penso que são oportunos para deixar explícita minha tese.

Por meio dos mitos gregos, considero que podemos ter uma abordagem muito significativa da importância e do poder da sexualidade em nossas vidas. Nem mesmo os mais poderosos deuses estavam livres das forças tremendas a ela associadas. A começar por Zeus, o rei de todos os olímpicos. Foi arrastado pelas pulsões sexuais e suas conquistas foram inumeráveis. Para obter o que desejava, usava seus poderes por meio de disfarces, como fez com Europa (transformando-se em touro e raptando-a) e com Dânae ao transformar-se em uma chuva de ouro, ou do arrebatamento forçado quando se transfigurou em águia, apossou-se do jovem Ganimedes e levou-o para o Olimpo. Já sua irmã e esposa Hera, motivada por ciúmes pelas infidelidades do marido, gerou por partenogênese dois filhos: Hefestos e Tifão. O primeiro ela atirou do Olimpo por achá-lo deformado e ele se tornou aleijado, e o segundo era um gigantesco monstro e tão perigoso para os próprios deuses que precisou ser contido e soterrado sob o Etna, suas manifestações são vistas durante as erupções.[2] Parecia ser óbvio aos gregos que a negação da sexualidade produzia deformidades ou consequências terríveis. A própria Afrodite não era capaz de escapar dessa força poderosa e foi esposa muitíssimo infiel de Hefestos, que para expô-la diante da corte olímpica, teceu uma finíssima e inescapável rede de ouro na qual aprisionou-a com um de seus inúmeros amantes, o deus Ares, enquanto mantinham relações. Por sinal, a origem de Afrodite deve-se à queixa da deusa mãe, a Terra (Gaia), que, irritada com os incessantes coitos por parte de Urano (o Céu) e com a geração de filhos que ela não podia dar à luz, incitou seu filho Cronos a castrar o pai para dar fim a tal tormento. O filho surpreendeu o pai, quando mais uma vez se aproximava da mãe para nova relação, e cortou-lhe os testículos, atirando-os ao mar. Da espuma gerada nasceu Afrodite. Ou seja, a tentativa de interromper os

2 Nas *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes (séc. 3 a.C./2010), no entanto, Tifão é localizado próximo à entrada do rio que leva ao Hades nas vizinhanças da Bitínia.

incessantes e praticamente ininterruptos avanços sexuais do Céu, castrando-o, produz a mais bela de todas as deusas, se não a mais poderosa de todas elas, pois seus poderes de sedução e daquilo que ela estimula subjuga todos, até mesmo a Zeus, que fica à mercê de seus poderes e de seu filho Eros, e deles não conseguem escapar.[3] Por sua vez, tampouco Apolo, a epítome da beleza idealizada masculina, deixa de sofrer reveses em suas conquistas ao ser tomado pela força de Eros. Após destruir a serpente Píton, desdenhou de Eros dizendo que o arco e a flecha eram armas de heróis e não de meninos. Enraivecido, Eros se vinga usando uma flecha de ouro para acertar Apolo que cai perdidamente apaixonado pela Ninfa Dafne. Por outro lado, usando uma flecha de chumbo, acerta a ninfa e instiga repulsa e desprezo nela em relação ao deus.

Desprezado pela moça, Apolo tenta violentá-la. Ela sai em fuga desesperada e apela à mãe Terra para que a salve (noutra versão, ela clama o socorro do Rio Peneu, seu pai, que é um deus). Ao atendê-la, a deusa a transforma no loureiro,[4] e dessa maneira, Apolo não consegue seu intento, mas usa suas folhas como coroa que, paradoxalmente, surge como símbolo da vitória. O outro revés do deus da beleza e das musas ocorre na disputa pelas atenções do belo Jacinto com o deus do vento, o Zéfiro. Ao vê-lo jogando o disco com o jovem príncipe espartano, Zéfiro, enciumado, sopra e faz com que o disco se desvie e atinja a cabeça do rapaz, que assim morre. Do seu sangue, Apolo, apaixonado e desolado, faz surgir a flor que tem o seu nome.

Por que me ocupo desses mitos? Porque penso que frequentemente há um engano ao se tomar a psicanálise como um método de trabalho que se confunde com valores morais religiosos e sociais. Um psicanalista deixaria de ser um mortal comum sujeito aos imperativos da sexualidade e de outras contingências humanas para tornar-se uma criatura sublim(e)ada, que fica acima dos desejos carnais e de características que nem os deuses do Olimpo eram imunes. Certa vez, ouvi de uma proeminente psicanalista, já falecida, que a sexualidade realmente

3 O sucesso de Jasão na conquista do velocino de ouro deveu-se quase que exclusivamente ao fato de Afrodite, instada por Hera, ter levado Eros a flechar a jovem princesa-feiticeira Medeia, fazendo com que ficasse desesperadamente e cegamente apaixonada pelo aventureiro. Completamente subjugada pela enlouquecida paixão, valeu-se de seus sortilégios para que Jasão obtivesse tudo o que lhe solicitou.

4 Tenho em vista a extraordinária escultura de Bernini que se encontra na Galeria Borghese de Roma.

superior[5] e importante era a mental. Não penso ser esse um caso isolado, e sim representativo do que muitos de nós ainda pensamos. Com a análise o paciente – e, sobremaneira, o psicanalista – se descolaria de sua carnalidade para tornar-se um ser transcendente e "adequado" aos valores normativos.

Em uma jornada ocorrida em Brasília há muitos anos, lembro-me claramente de uma jovem colega ser repreendida de forma agressiva por um colega decano ao se referir a questões relacionadas a diversas possibilidades de expressão da sexualidade: – *Há coisas que só são para ser pensadas! Não para fazer!* Nas referidas práticas, não havia nada que pudesse gerar dano físico ou produzisse violência que pudesse lesar quem as praticava ou quem delas partilhasse consensualmente entre adultos.

Basta pensarmos como a psicanálise e as instituições psicanalíticas trataram a homossexualidade até pouquíssimo tempo, desde que Jones, para desgosto de Freud, segundo relatou Mark Solms no congresso de Cartagena, baniu os homossexuais das formações psicanalíticas porque, caso contrário, a psicanálise jamais seria respeitável nos puritanos Estados Unidos. O próprio manuscrito "perdido" de Freud (1931/2023), encontrado há não muito tempo, sofreu esse destino por conta do que Freud expressou sobre a sexualidade do presidente Woodrow Wilson e da relação homossexual latente dos homens cristãos com Jesus. Freud considerava que o que impediria alguém de ser psicanalista seria sua falta de talento para a função, e não as suas inclinações sexuais.[6] Durante muitos anos Anna Freud afirmou peremptoriamente que o texto atribuído a Freud era falso e reiterava que ele jamais teria escrito algo similar. A descoberta do manuscrito original de Freud nos Estados Unidos pôs fim a essa celeuma. Há de se pensar também na postura moralista de Anna Freud quando ela mesma era "casada" com Dorothy Burlingham com quem conviveu durante décadas junto com as filhas dela na casa de Hampstead onde seu pai vivera ao chegar de Viena (hoje o Museu Freud de Londres), até que a morte as separasse. Ressalto também que Anna havia sido analista daqueles que se tornaram seus enteados (Berthelsen, 1978).

Destaco que o posicionamento de Jones pode ser considerado uma hipocrisia, uma vez que em 1906 ele foi acusado e processado por

5 Paradoxal e incongruentemente essa mesma pessoa dizia que as ideias de superior e inferior eram alucinações – com o que estou de pleno acordo.

6 Ver também a carta que Freud escreveu à mãe de um homossexual (Freud, 1935/1951).

ter molestado crianças (meninos e meninas) deficientes mentais enquanto as examinava em uma escola quando trabalhava para o London County Council. As queixas foram feitas por diversos alunos logo após os eventos que relataram, de forma consistente e coerente, um comportamento impróprio e ele chegou a ser preso. Foi absolvido no processo, mas o escândalo foi tal que se viu obrigado a mudar para o Canadá em 1908 por ter examinado uma menina de dez anos no West End Hospital sem a presença de terceiros (foi demitido) e por conta do conteúdo de uma palestra que proferiu que se somou ao escândalo precedente de 1906. A despeito da absolvição judicial, posteriormente foram levantadas muitas indagações sobre o viés usado nos procedimentos jurídicos, como questões de gênero e de classe social. Em 2002 o historiador Philip Kuhn desenterrou a história junto a registros contemporâneos que sustentavam de forma vigorosa a acusação criminal contra ele. Ele teria se exibido para as crianças e forçado que lhe tocassem os genitais. Foram encontradas no tapete manchas condizentes com esperma ejaculado – como não foi possível provar a conexão direta entre as manchas e os eventos, na época não havia exames de DNA, então, essa evidência foi desconsiderada. Foi utilizada em sua defesa a alegação de que se tratava de fabricações de crianças deficientes. Em 1910 outro incidente com uma paciente adulta com quem teria tido relações sexuais o levou a abandonar o Canadá depois das acusações feitas por uma universidade em Toronto e retornar a Londres onde se tornou figura central do movimento psicanalítico. Em carta de Jones a Freud, em 1910, ele admite ter a consciência de ser sexualmente atraído pela(o)s pacientes e Freud suspeitou que, subsequentemente, ele tenha frequentemente violado limites éticos. Ele mesmo se reconheceu culpado de muitas "tendências erradas" em si mesmo que foram consideradas autodestrutivas. Freud congratulou Jones no seu retorno a Londres, em 1913, mas exigiu que ele prometesse jamais estragar sua situação, pois finalmente tinha conseguido recuperá-la, não importasse o motivo privado que tivesse. Os historiadores da psicanálise como Peter Gay e Julia Kristeva parecem ter escolhido minimizar a situação e serem indulgentes com Jones, desqualificando as acusações de que ele foi alvo.[7]

7 Informações obtidas em diversos sites da internet, entre eles a do Ebsco (ebsco.com) – Psychoanalyst Ernest Jones is accused of molesting mentally disabled children.

Tenho a experiência com analisandos que estiveram em análises anteriores que se surpreendem ao me relatarem fatos de suas vidas sexuais que nunca tiveram coragem de mencionar nos atendimentos anteriores, algumas delas duraram anos. Descrevem a percepção de que aqueles que os atenderam eram hostis a tais fantasias ou práticas. Verifico amiúde em seminários e supervisões a dificuldade que muitos de nós têm de nomear aquilo que intuem da vida sexual de seus pacientes. Sentem que se nomearem o que intuem (por exemplo, a suposição de que o analisando é homossexual) estariam ofendendo o paciente – o que denuncia o preconceito que têm. Se assim sentem, os pacientes também captam essa postura, mesmo que não comunicada explicitamente. Aquilo que constitui possibilidades de expressão da sexualidade humana é reificado como tabu e permanece no ostracismo.

Esse problema costuma ficar ainda mais acentuado quando se trata de profissionais de nossa área ou de áreas adjuntas, que se veem extremamente perseguidos ou que tentam negar manifestações de suas sexualidades, que consideram que seriam percebidas como expressões de dimensões não "elaboradas" ou não "evoluídas" de suas personalidades, e que sofrem para produzir um personagem "desenvolvido", que já teria superado a "carnalidade" ou atos que seriam considerados "perversões", pois a finalidade não seria o casamento heterossexual monogâmico para a constituição de uma família "moralmente" superior e sublim(e)ada. Como mencionei anteriormente, muitos de nossos colegas efetivamente sustentam um ponto de vista que reforça a necessidade de um enquadramento naquilo que é socialmente e religiosamente aceito como "normal", mesmo alguns que se proclamam ostensivamente não religiosos ou que consideram que religião é uma deformação mental no campo da alucinação. Certa vez ouvi de uma profissional, que se dizia ateia, que certas buscas e necessidades sexuais (nada extravagantes, por sinal e tampouco raras, ao contrário, bastante corriqueiras) eram coisas de loucos que ficavam andando por aí.

Amiúde ouvi entre colegas que seria uma característica comum em pacientes homossexuais (masculinos e femininos) serem muito perseguidos, paranoicos – como se fosse um problema neurótico intrínseco à homossexualidade. Não excluindo essa possibilidade, como em qualquer outro grupo de pessoas, me espanta não considerarem um fundamental dado de realidade que é o de serem um grupo que é realmente

muito perseguido e ameaçado – desde a infância percebem a discriminação que podem viver dentro de seus próprios grupos familiares em que a ameaça de exclusão, discriminação, rejeição, violência física ou até mesmo a de serem assassinados se forem "descobertos" é uma terrível possibilidade, muitas vezes levada a cabo. Nas escolas, empregos, nos grupos sociais, muitos se mantêm sob fachadas para conseguirem sobreviver porque as consequências, caso se vejam expostos, podem ser mesmo dramáticas.

Mais complicado ainda quando se trata de pessoas de meia-idade ou já maduras. Muitos já casados e com filhos e que nunca tiveram coragem de se assumirem ou de arriscarem atender seus desejos que sentem como errados, desviantes e que, caso o fizessem ou façam, temem a desgraça social, a perda de empregos, a rejeição dos familiares, o ostracismo e o abandono. E, não raro, é o que realmente pode acontecer. É preciso ter muito estofo interno para poder se bancar. O analista deveria ser alguém que ajude um indivíduo a desenvolver um respeito suficiente e consideração por aquilo que, de fato, é para que se veja em maioria consigo mesmo. Estar em maioria consigo mesmo pode ser condição fundamental para se lidar com a realidade de fazer parte de uma minoria. Se for abandonado por terceiros, não ser abandonado por si mesmo. Isso faz toda a diferença.

Algo que frequentemente constato é o desconforto da maioria das mulheres com a própria sexualidade. Muito habitualmente, vejo isso na obrigatoriedade de terem um compromisso socialmente reconhecido e aceito para que possam vivê-la. Não raro permanecem em relacionamentos abusivos ou que não lhes dão espaço para serem quem realmente são: porque ficar sem um marido, namorado ou um parceiro fixo faz com que se sintam impedidas de usufruir da vida erótica, pois uma mulher que assim procede seria uma desclassificada ou pervertida (Se for um homem, ele é um garanhão valorizado por comer todas, se for mulher é uma vagabunda degenerada). Além do preconceito internalizado, amiúde se deparam com o machismo internalizado por parte de psicoterapeutas e psicanalistas tanto homens como mulheres que reiteram esses valores como se fossem naturais, sentem a pressão para que permaneçam em casamentos ou relacionamentos infelizes, renunciando ao prazer e a uma vida relacional e sexual satisfatória – caso tenham um amante ou relações extraconjugais, sentem – e frequentemente são

assim consideradas – que estão fazendo algo muito recriminável, sem que haja uma abertura para se pensar o que faz com que essa configuração apareça – apesar de tão corriqueira em muitos casais – se for homem, a cultura costuma incentivar sem maiores questionamentos esse modo de funcionar. Quando ficam mais velhas, a situação se complica ainda mais, pois, a partir da menopausa, deveriam se recolher da vida sexual, ou para tê-la, devem procurar a todo custo um parceiro "respeitável" e permanecer com ele, mesmo que o sintam repulsivo, desagradável, desrespeitoso ou até mesmo violento. Paradoxalmente, deixar de ter apetite sexual e vontade de se relacionar com um companheiro ou companheira, tanto para mulheres como para homens é, frequentemente, visto como sendo algo "anormal", e cria-se uma obrigação moral da pessoa se sentir estimulada sexualmente quando não está se sentindo assim, ou quando declara não ter interesse em namorar ou casar. Tornam-se igualmente condenadas moral e teoricamente – como se obrigatoriamente isso também fosse um desvio e não uma possibilidade real.

Observo também situações, dentro e fora do consultório em que homens se sentem compelidos a se manterem monogâmicos com suas companheiras ou esposas mesmo quando elas não se disponham mais a quaisquer contatos sexuais com eles. O inverso também é verdadeiro. Não raro verifico colegas do ramo se escandalizarem caso os caminhos que venham a trilhar não sejam o da manutenção do status quo.

Não raro, sei de histórias em que o homem ou a mulher dizem permanecer amando seus parceiros, sem nenhum interesse de se separarem, mas que perderam totalmente a libido pelos companheiros/companheiras. Alguns, no entanto, mencionam que a sexualidade permanece pujante, mas dirigida a outros alvos sexuais.

Madame Pompadour, a famosíssima favorita do rei Luís 15 até quando ela morreu, deixando-o desolado, manteve relações físicas com ele até um certo ponto, depois ela se cansou do sexo. Contudo, permaneceu a verdadeira rainha não oficial da França, orientando o rei em muitas questões de Estado, por conta de sua grande sagacidade por ele reconhecida e do profundo afeto que ele manteve por ela. Para resolver as necessidades do rei que era praticamente um sátiro,[8] encarregou-se, ela mesma, de providenciar moças mais jovens para que ele se resol-

8 Entre suas conquistas, três moças aristocratas que viviam na corte – algumas vezes compartilhando o leito com mais de uma ao mesmo tempo.

vesse sexualmente. Após sua morte, Luís 15 envolveu-se de forma apaixonada com Madame Du Barry, que tinha sido uma belíssima jovem prostituta de origem miserável, para escândalo da corte. Para introduzi-la no palácio e viverem sob o mesmo teto, arranjou um casamento de fachada com o conde Du Barry, para que ela tivesse um título e pudesse ter seus apartamentos, em Versailles, sob os dele.

A moralidade da igreja pregada à população não era, e nunca foi, a praticada pela elite e pela alta nobreza. O que resultaria em fogueira para um homem comum fazia parte do que era conhecido no palácio como as inúmeras amantes e filhos bastardos de Luís 14[9] e Luís 15, vários deles reconhecidos pelos reis, ou as atividades de Monsieur, o Duque de Orleans, irmão de Luís 14, que mesmo tendo se casado duas vezes e gerado sete filhos, era famoso por seus casos com cortesãos (foi ostensivo seu relacionamento com o Chevalier de Lorraine) e pelo abuso de meninos. Henrique 3º e Luís 13, na França, eram homossexuais e tinham seus favoritos reconhecidos por todos. Eduardo 2º, James 1º (o responsável pela tradução da Bíblia para o inglês popularizando sua

9 Ver o notável livro *L'Allée du roi* de Françoise Chandernagor (1981), que narra a vida de Françoise d'Aubigné, casada em primeiras núpcias com o escritor burlesco Scarron, depois tornada Mme. de Maintenon após ter sido governanta dos sete filhos bastardos do rei com a Marquesa de Montespan, para, em seguida, ela mesma tornar-se amante do rei, e posteriormente casar-se secretamente com o monarca quando ele enviuvou da rainha – toda a corte soube do casamento não anunciado, quando, em um evento, uma poltrona foi colocada ao lado do rei para que ela se sentasse (O marquês de Montespan, revoltado com o fato de ser corneado pela esposa e pelo rei, no início do caso deles, colocou no alto de sua carruagem enormes chifres para denunciar a situação que acontecia à sua revelia. Não podendo afrontar o rei, tratou de se contaminar com sífilis com uma prostituta na tentativa de transmitir a doença à esposa e ao monarca). Ironicamente após sua vida de amante, Mme. de Maintenon tornou-se devota fervorosa e fez com que o rei revogasse o Edito de Nantes que desde a época de seu avô, Henrique 4º, havia dado liberdade religiosa aos franceses pondo fim às guerras entre protestantes e católicos após o terrível massacre dos huguenotes na famigerada noite de São Bartolomeu. A revogação do edito levou a um gigantesco êxodo de milhões de pessoas, muitas delas responsáveis por importantes comércios, manufaturas e mentes brilhantes, provocando mais um desastre econômico numa França devastada pelas intermináveis guerras empreendidas pelo rei durante o seu longo reinado com milhões de mortes associadas a elas, e as fabulosas *Memórias do Duque de Saint-Simon* (1983, 1984/século 18), grande cortesão e próximo de Luís 14 que registrou um diário durante 50 anos que viveu em sua intimidade e nos píncaros da alta nobreza. Sua obra, que só pôde ser publicada, por motivos óbvios, 50 anos após sua morte, tornou-se um pilar da literatura francesa e foi de grande influência para Proust, que o cita constantemente na sua *Recherche*, que por sinal, um dos volumes centrais que narra a vida da alta aristocracia do Fbg Saint-Germain, chama-se *Sodoma e Gomorra*.

leitura e tornando-a a referência dos grupos protestantes, tornou seu favorito, George Villiers, duque de Buckingham e o homem mais rico do reino) e Charles 2º da Inglaterra, igualmente.

Na própria igreja católica sempre houve esse paradoxo entre aquilo que é pregado e condenado na população e aquilo que é efetivamente vivido no interior da instituição, como ficou escancarado na época dos Borgia ou como revela, de forma inequívoca, o livro *No armário do Vaticano: poder, hipocrisia e homossexualidade,* em francês se chama *Sodoma: Enquête au cœur du Vatican* (Martel, 2019), título advindo de um dos cardeais entrevistados e gravados com autorização pelo autor. Ao ser recebido em seus aposentos no Vaticano, o prelado lhe disse: – *Bem-vindo a Sodoma*.

Como toda instituição humana, as instituições psicanalíticas também sofrem de tudo que as outras sofrem. Não há substituto para as instituições, elas são necessárias para a preservação dos conhecimentos desenvolvidos por seus membros e seria simplista tentar banalizar seus critérios de formação por conta das deturpações e desvios que sofram. Todavia, penso que é essencial evidenciarmos o quanto podem estar eivadas de fundamentalismos religiosos e morais conscientes, ou não, enquanto que na vida prática de seus membros tudo que é humano e longe de ser "sublimado" é encoberto por medo e hipocrisia. A psicanálise, quando praticada para a finalidade de psicanalisar, não nos torna santos, ajuda-nos a nos vermos tais como somos com todas nossas características humanas.

A coisa complica ainda mais quando encontram terapeutas ou analistas que explicita ou implicitamente trabalham ou torcem para que os pacientes mantenham suas vidas em conformidade com as expectativas sociais, deixando-os desconfortáveis ou mesmo sem coragem de dizer ao analista o que realmente sentem e vivem porque captam a mentalidade deste último e não raro passam a mentir também para o analista intuindo o que ele valoriza e deseja ouvir (e o que ele reprova e rejeita). Pior ainda quando começam a produzir ações em conformidade com essas expectativas reiterando um ciclo de sufocamento violento das suas verdades internas para não desapontarem o analista/pai/mãe/sacerdote.

O fato de uma pessoa poder estar casada consigo mesma na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza é o ponto de virada. A condição de estar sozinho consigo mesmo, ou melhor, na

companhia de si próprio, daquele que se é de fato, permite suportar vivências de isolamento e segregação, e possibilita a espera para o encontro daqueles que de fato tenham consideração, respeito e amor pela pessoa que se é de fato.

Penso que todo aquele que tem respeito real por aquilo que é sempre vai fazer parte de uma minoria – seja das reconhecidas como tal ou não. Freud, Melanie Klein e Bion souberam o preço a pagar por se manterem fiéis a quem eram e às suas ideias. Os dois últimos sentiram esse peso diante do próprio Establishment psicanalítico.

O analista que procura adaptar seu paciente aos valores vigentes (na verdade seus próprios valores) está fazendo doutrinação religiosa ou moral, mas não psicanálise. Bion, em *A memoir of the future* (1991), destaca que psicanálise não faz nem bem nem mal; que uma pessoa pode se valer da experiência para o propósito que desejar e ele propõe a analogia com a atividade de um cirurgião que quando cura um ladrão ou um assassino, faz com que se torne mais eficiente, mas não mais moral.

Em *Transformations* ele diz:

> Seria repulsivo um analista que trabalhasse sobre as emoções do paciente como um pintor deve trabalhar sobre sua tela tanto para a teoria quanto para a prática psicanalítica. O pintor que trabalha sobre as emoções de seu público tendo uma meta em vista é um propagandista com o olhar do artista de poster. Ele não tem a intenção de deixar seu público livre na sua escolha ou uso da comunicação que faz. A posição do analista é afinada àquela do pintor que por meio de sua arte acrescenta à experiência de seu público. A psicanálise não visa controlar a vida do paciente, mas capacitá-lo a governá-la de acordo com suas próprias luzes e, portanto, a saber quais elas são. (1965, p. 37, tradução livre do autor)

Quando percebo que um analisando tende a me idealizar e me posicionar em um lugar sagrado, costumo brincar, dizendo com humor, que não caminho, mas flutuo sobre o chão, e que sexo e outras necessidades humanas não são para psicanalistas, são somente para mortais comuns e não criaturas do Olimpo. Na minha experiência, isso costuma distensionar a atmosfera e liberar os pacientes para uma conversa mais livre.

Civilizar as pulsões não é estar livre delas, é ter o que for possível de consciência sobre elas para se ter alguma condição de se negociar

com elas e agir, na medida do possível, tirando partido das mesmas e evitando consequências potencialmente infelizes quando não reconhecidas na sua importância e poder.

Algo que ocorre com certa frequência são vivências de natureza sexual em relação ao (à) próprio(a) analista, como se fosse algo errado ou necessariamente uma resistência à análise. Tratar como resistência neurótica ou somente como transferência de vivências da infância com imagos paternas para a figura do analista, nega o fato de que analisandos e analistas são animais como quaisquer outros e que a sexualidade pode se manifestar de maneira poderosa e atual nos encontros no consultório (por isso são tão fundamentais os encontros presenciais em análise em que essas manifestações carnais se tornam evidentes, assim como outras vivências assustadoras inevitáveis quando duas pessoas se veem isoladas uma com a outra numa sala fechada sem mais ninguém). A meu ver, é crucial reconhecer a presença da excitação e do desejo sexual na sessão para que possam ser explicitados e pensados. O Édipo não ocorre lá no passado remoto – é no aqui e agora da sessão – não necessariamente na transferência – mas em função da manifestação incontornável dos feromônios mobilizados no encontro. Na sessão analítica é fundamental que o analista reconheça o que está ocorrendo para expor a situação aos analisandos para que possam pensá-la e expandir suas capacidades de lidar com aquilo que vivem – a análise do próprio analista que ignore esses fenômenos o torna incapaz de ampliar seu espaço mental essencial para que se torne apto a manobrar sua embarcação (a análise) durante uma tormenta tropical sem que vá a pique (atue, que seria equivalente ao incesto numa relação pais-mães-filhos) – ou repreenda moralmente de forma consciente ou inconsciente o paciente.

Uma paciente, percebendo-se tranquila para expressar aquilo que vivia, relatou-me ficar bastante incomodada por sentir-me atraente e mobilizada em sua sexualidade. Eu disse que ela não tinha como evitar aquilo que experimentava, mas, ao mesmo tempo, eu considerava que ela sentia que para ela o mais importante era a análise que veio buscar e não partirmos para uma atuação sexual. Ela disse:

P – Mas eu morro de tesão toda vez que você fecha as persianas quando está sol e eu fico olhando para a sua bunda!

A – Não tem problema, retruquei – *melhor estar com alguém que você acha agradável olhar do que desagradável.*

P – Mas como vou fazer se sei que não vamos fazer nada?! Vou ficar aqui na vontade?

A – É uma experiência importante para você perceber que pode desejar algo de forma intensa e ao mesmo tempo verificar que pode renunciar a isso por conta de outros interesses mais significativos para você no momento. Estou certo de que se eu fizesse um movimento para atender o seu desejo, você sairia daqui correndo – e com toda a razão para isso – já que o seu interesse maior é a sua análise.

Ela concordou e disse:

P – Com certeza iria fugir…

A – Por sinal, essa vivência aqui neste momento é analítica – ela pode permitir, você atravessando-a na sessão, que seu espaço mental saia aumentado e que você, em outros contextos em que experimente impulsos e desejos intensos, possa ponderar se é o momento pertinente ou não para atendê-los em função dos seus próprios interesses e pela consideração que você possa ter pelas necessidades de outras pessoas, já que muitas vezes, é fundamental podermos pensar a ocasião para nos deixarmos levar ou não pelo que desejamos. Noutro contexto seus desejos sexuais – ou outros – podem ser perfeitamente condizentes com a possibilidade de vivê-los.

Há muitos anos atendi uma bela mulher que veio para uma entrevista numa roupa elegante e cara, mas que explicitava de forma acentuada (sem ser vulgar, mas de maneira inconteste) seus contornos esculturais. Durante uns 25 minutos queixou-se de que os homens só a olhavam como objeto sexual, até mesmo o marido. Disse-lhe que eu a via numa roupa muito bonita e elegante que também tinha como característica ressaltar bastante seus atributos físicos. Comentei que não tinha nada de errado naquilo, mas, por outro lado, aquele era o seu primeiro cartão de visitas – a primeira coisa que ela exibia de si mesma e que podia ser inevitável que ela fosse primordialmente tratada da forma com que se referia por conta disso mesmo. Não há nada de errado, continuei, mas é preciso, por outro lado, poder bancar aquilo que está apresentando. Ela respondeu dizendo que tinha passado 10 anos indo a outro analista e que toda vez que entrava no seu consultório, percebia que ele punha os olhos nos seus peitos, mas, em seguida, fazia "cara de analista" e nunca falou nada sobre isso.

Um homem por volta de 40 anos estava na dúvida se deveria se casar com sua noiva e estava transtornado quanto a dar ou não

prosseguimento aos trâmites. Com pouco tempo de análise intuí e propus que seu drama real não era esse e sim o seu conflito não mencionado e, tampouco, assumido por conta de intensos desejos homossexuais que experimentava. Espantado, disse que já tinha passado por análises anteriores e nunca ninguém havia lhe dito isso, ou, caso tivessem percebido, o que nunca disseram, parecia que estavam mais inclinados a que ele tomasse uma atitude para viver uma vida heterossexual e se casasse. Sentiu-se aliviado por finalmente alguém ter tido a coragem de lhe expor algo que ele tinha tanto medo de fazer contato e admitir em si mesmo sem sentir que estava querendo algo errado.

Verifico amiúde ao ler os textos originais de importantes autores psicanalistas que, ao serem traduzidos, perdem toda a conotação sexual implícita ou explícita nos termos que usam. Muitas vezes, palavrões são edulcorados e transformados em linguagem "higienizada". Todavia, a experiência emocional que o autor pretendia comunicar se perde com essa deformação, já que termos como "foder" não correspondem à experiência emocional "ter relações sexuais". Já presenciei reuniões científicas em que colegas estrangeiros se incomodaram por não ver aquilo que gostariam de expressar ser traduzido literalmente porque seriam expressões consideradas chulas e que analistas não poderiam usar. Um deles insistiu veementemente (pois percebeu que a tradução estava edulcorada) para que a expressão correta fosse transmitida porque, caso não o fosse, perderia a força e o sentido real que queria comunicar. Com muito esforço e bastante acabrunhado o colega tradutor sussurrou o "palavrão" original em inglês. Não conseguiu dizê-lo em português, tamanho o seu constrangimento.

Numa conversa entre colegas, há muitos anos, fiz uma ingênua piada com uma pitada de malícia. Uma colega, horrorizada, exclamou para todos ouvirem: – *Como você tem a cabeça suja!* Eu fiquei quieto no meu lugar e não disse nada. Para que criar tumulto em um encontro que estava sendo agradável até então? Por outro lado, pensei comigo mesmo: como alguém pode ser um psicanalista sem ter "a cabeça suja"? Parece que se esqueceram de Freud, da sexualidade infantil, de Melanie Klein e todos os pênis dentro do corpo da mãe, de vaginas dentadas, de bombas de fezes e urina sendo colocados no interior do corpo da mãe etc.?

Na situação edípica, costuma-se esquecer que o início do drama se dá por conta do envolvimento de Laio com Crísipo, o filho adolescente

de seu anfitrião, o rei Pélope, que violentou. A necessidade de Laio de eliminar seu filho varão quando de seu nascimento também poderia ser pensada como uma incapacidade de conter seus impulsos libidinosos em relação ao próprio filho. A sexualidade entre pai/filho e filho/pai costuma ser subestimada e fica ressaltada a rivalidade e a violência entre eles que pode ser igualmente pensada como uma cobertura para os desejos incestuosos entre um e outro. Na minha experiência essa dimensão também precisa ser considerada na análise, na relação entre pacientes e analistas homens, mesmo que manifestadamente heterossexuais.

Durante um tempo atendi um homem de cerca de 30 anos. A experiência era muito penosa porque quase invariavelmente ele partia para ofensas pesadas e desqualificar de forma acintosa tudo o que eu lhe dizia. Após algum tempo, vi-me inclinado a interromper o atendimento, tal a virulência dos seus modos comigo. A ponto de fazer isso, vi-me esfregando minhas mãos, uma contra a outra para encontrar a paciência necessária para não reagir de forma grosseira, pois já tinha esgotado toda minha tolerância. Naquele instante tive um insight e disse ao paciente: – *Fazer atrito é esfregar um corpo no outro. Você está o tempo todo atritando comigo. O que eu penso que está realmente fazendo comigo é uma grande trepada, uma transa física em que você esfrega seu corpo no meu e está tendo um imenso prazer nisso. Só que não é para eu ou você nos darmos conta do que está fazendo: trepando comigo.* O paciente quis se enfurecer em um primeiro instante, mas logo em seguida caiu numa intensa gargalhada nervosa sem poder se conter. O que eu disse penetrou profundamente nele e não teve como negar. Ficou sem jeito e não conseguiu prosseguir nas ofensas. A situação se distendeu e pudemos prosseguir por mais algum tempo.

> Não ser alguém exceto você mesmo em um mundo que se esforça dia e noite para que você seja outra pessoa significa travar a batalha mais difícil que qualquer ser humano pode enfrentar; significa nunca parar de lutar.
> (E. E. Cummings citado por James Rhodes, 2015)

> – Meu caro sr. FitzGeorge! – exclamou Lady Slane – O senhor realmente não deve falar como se minha vida tivesse sido uma tragédia. Eu tinha tudo o que a maioria das mulheres cobiçaria: posição, conforto, filhos e um marido que eu amava. Não havia nada do que reclamar – nada.

> – Exceto pelo fato de ter sido despojada da única coisa que lhe importava. Nada importa para um artista, exceto a realização de seu dom. Sabe disso tão bem quanto eu. Frustrado, ele cresce curvado, como uma árvore torcida em uma forma antinatural. Todo o significado sai da vida, e a vida se torna existência – um improviso. Encare isso, Lady Jane. Seus filhos, seu marido, seu esplendor, não eram nada além de obstáculos que a mantinham longe de si mesma. Eles foram o que a senhora escolheu para substituir sua verdadeira vocação. Era jovem demais, suponho, para saber, mas quando escolheu essa vida, afastou-se da luz. (Sackville-West, 1931/2013)

Acima, um diálogo entre Lady Slane – uma aristocrata de alta estirpe, viúva de um alto dignitário do Império Britânico – e um homem que reencontra, aos 88 anos e que ela havia conhecido quando era jovem e vice-rainha na Índia, de quem ela não se lembrava. Está no belíssimo romance de Vita Sackville-West que se chama *Toda paixão exaurida*. Submetida às pressões familiares e sociais na adolescência, viveu a vida que lhe foi atribuída e viu-se forçada a renunciar a seu desejo mais profundo de tornar-se música. FitzGeorge, em contrapartida, que, ao contrário, nunca se esquecera do impacto que seu encontro com ela na Índia havia provocado nele, apesar de ter se tornado um homem riquíssimo, levara a vida de forma considerada excêntrica e nada de acordo com o que seria convencionado para uma pessoa com a sua imensa fortuna.

Vita foi casada com o diplomata Harold Nicolson, com quem teve dois filhos. Tanto ela quanto o marido tiveram diversos relacionamentos com homens e mulheres. O seu caso mais famoso foi a grande Virginia Woolf. Na década de 1930 estabeleceram-se no Castelo de Sissinghurst que se tornou mundialmente conhecido pelos jardins que ela criou. Seu outro romance mais conhecido é *The Edwardians* (Sackville-West, 1930/1984).

> A Psicanálise surgiria como um fenômeno efêmero, retratando forças na superfície da qual a raça humana tremeluz, chameja e evanesce em resposta à não reconhecida porém gigantesca realidade. O ponto prático não é fomentar a investigação da psicanálise, mas da realidade que ela revela. Esta precisa ser investigada por meio de padrões mentais; isto que é indicado não é um sintoma; isto não é uma causa de sintoma; isto não é uma doença ou qualquer coisa subordinada. A própria psicanálise é apenas uma listra no pelo de um tigre. Em última instância, ela pode encontrar o Tigre – a Coisa Em Si – O. (Bion, 1991, p. 112)

> Bion – Ou talvez você se tornou amorosa (*loving*)?
> Alice – Não, eu amo Rosemary.
> Bion – Se você estiver certa, você tornou-se capaz de amar (*loving*).
> Alice – Pensei que, como psicanalista, diria que sou homossexual.
> Bion – Ao contrário, tanto quanto sou capaz de "ser", contrastando com "tendo a pretensão" de ser, um psicanalista, penso que você está incorreta ao dizer que você ama Rosemary se você for homossexual; você deve tornar-se capaz de amar. Tornar-se sexual é parte da maturação física. O amor real não é uma função da coisa amada, mas da capacidade da pessoa de amar (*loving*). Essa é a arte da maturação psíquica ou mental e ela não é obstruída por aspectos acidentais da coisa ou da pessoa amada.
> Eu mesmo – Entre os aspectos que você chama "acidentais" você está incluindo o sexo da pessoa?
> Bion – Certamente; sexo aplica-se à anatomia e à fisiologia e, como é habitual no caso de quando falamos da mente, foi usurpado pelos psicanalistas porque temos de nos haver com uma linguagem inventada para a vida física ou "experiência sensual". "O amor apaixonado" é a coisa mais próxima que eu considero para expressar uma transformação verbal que "representa" a coisa em si, a realidade última, o "O", tal como o denominei, aproximando-se a ele. (Bion, 1991, p. 183)

> O amor apaixonado não é apenas físico ou mental, mas um desenvolvimento da fusão de ambos. (Bion, 1991, p. 472)

Nas curtíssimas vinhetas clínicas que menciono a seguir, uso o tempo presente, o que não implica que o tempo verbal coincida com a atualidade do material, pois é oriundo de 35 anos de trabalho no consultório. São usadas como modelos e como tais devem ser lidas.[10]

Nestor já passou por algumas análises anteriores em outro país. Depois de um tempo do término da última e de seu retorno ao Brasil, procurou-me. Evidencia-se a angústia em ser julgado por mim, visto que se vê envolvido por desejos e eventuais práticas que "já deveria ter superado" ou "sublimado". Tem uma vida profissional e social bem-sucedida, conforme as convenções estabelecidas. Contudo, anseia e tem eventuais aventuras fora dos padrões moralmente julgados como corretos. Sua forma de me relatar tais episódios e desejos implica um julgamento

10 Os nomes que uso são ficcionais e tomei de empréstimo a Homero e a Virgílio.

moral e uma implicação diagnóstica, ou seja, convida-me a enquadrá-lo em algum tipo de "perversão", "neurose" ou "psicose". Comunico-lhe essa minha impressão, de que, para ele, na análise teríamos de achar as causas de suas patologias e que aquilo que me descreve caberia em algum escaninho de decrepitude mental.

Segundo ele, os analistas anteriores insistiam para que cuidasse de seu casamento e deixasse essas coisas de lado. Comportava-se conforme o "figurino", mas após algumas semanas, em que estava de acordo com o que devia ser "certo", entrava em desespero, precisando recorrer a medicamentos como Diazepam para fugir da tensão que experimentava e, às vezes, o entorpecimento o levava a situações de falta de atenção que poderiam ser consideravelmente perigosas.

Propus que deixássemos esse viés médico psiquiátrico ou "psicanalítico" em busca de um diagnóstico com viés de valor, desincumbindo-nos desse vértice para podermos ter contato com algo real, de pessoas reais e sem o a priori de que o que está vivendo seja algo de errado.

Também assinalei que ele temia tanto estar comigo, quanto a minha possibilidade de recriminá-lo para que se comportasse "bem" e o desprezasse caso não o fizesse, que eu não agisse como censor, deixando-o à mercê de seus desejos, anseios, turbulências e impulsos, pois sentia não dispor de suficiente capacidade de administrar o que vivia, temendo ser levado de aluvião caso as "repressões" fossem levantadas. Minha ideia não era tampouco uma psicanálise para tirar a repressão, mas para ajudá-lo a desenvolver capacidade suficiente de reconhecer, nomear e assimilar aquilo que experimentava, de modo a ter condição de pensar e negociar com seus sentimentos, impulsos e desejos e, assim, levá-los a algum acordo, a um caminho em conformidade com seus próprios interesses, sem se tornarem desastrosos. Nem sempre o que se deseja é realmente o que se quer. Às vezes, quando frustrados, desejamos matar alguém que não queremos, de maneira alguma, que seja efetivamente destruído.

Cassandra, em condições similares, narra uma série de ambiguidades nos seus desejos sexuais. A despeito de ter uma excelente relação amorosa e física com o marido, muito satisfatória, sente que lhe falta algo. É uma pessoa muito culta e sensível, muito produtiva e bem-sucedida no seu trabalho. Já passou por outras experiências analíticas nas quais se sentiu constantemente instada a cuidar de seu casamento e "evoluir" desejos que não seriam "ortodoxos". Sente-se constrangida por

ver que eles voltam a se apresentar, mesmo tendo se esforçado para viver durante muitos anos uma vida burguesa respeitável na qual alcançou grande sucesso social. Sente-se sufocada nessa condição e, ao mesmo tempo, apavorada em dar qualquer abertura para as coisas que a tentam. Seu receio, análogo ao de Nestor, é de que eu a despreze pela sua falta de "crescimento" e "evolução", sua fala sempre implica me informar sua "patologia" de modo a encontrarmos suas causas e o possível caminho da "cura". Informo à paciente essa minha observação e proponho que deixemos esse modo de encarar as coisas. Que ficássemos descomprometidos da busca da doença e da cura e pudéssemos aprender com o que se apresentasse.

Há, contudo, outro receio que também lhes propus considerar. Se eu não for uma autoridade moral que os corrija, que possam me sentir como um demônio que quer levá-los ao abismo, tal como Cila ou Caríbdis ou alguém tão "inferior" quanto eles próprios se considerariam por não ficar chocado ou reprimir o que me relatam.

Durante uma supervisão, ouço a pessoa que me apresenta o caso relatar, durante cerca de 20 minutos, sua preocupação quanto ao que teria acontecido de estranho ou traumático à analisanda que, após muitos anos de casamento, viu-se apaixonada por outra mulher, sem que nunca houvesse experimentado nada similar em toda a sua vida pregressa. Proponho que ouvia a situação como se algo errado e patológico estivesse, necessariamente, acontecendo com a paciente, sem que ela considerasse aquela nova situação como mais uma das possibilidades humanas, mesmo que surpreendente para aquela que a vivenciava, sem que fosse algo antinatural ou desviante. A supervisionanda se espanta e admite que havia um preconceito de sua parte e um intuito de corrigir a paciente e percebe que minha observação lhe havia permitido acessar outra perspectiva.

Em um atendimento ouço Ganimedes, cujas relações são, preferencialmente, com homens, queixar-se de ser execrado ou visto como alguém que está mentindo ou falsificando algo quando, eventualmente, sente atração genuína por uma mulher e se relaciona com ela, sobretudo por parte de seus amigos gays. Sente-se muito chateado e vítima de preconceito que provém de pessoas que costumam sofrer preconceito.

Nos atendimentos que faço, na minha posição de analista e com as titulações que possuo, a grande maioria dos analisandos e

supervisionandos considera que estou longe de ter qualquer contato com essas "baixezas" humanas e que eu seria algo para além de um deus olímpico (pois estes são bastante sexualizados e tomados por rancores, fúrias, paixões, crueldades etc.) e flutuaria em um âmbito sublim(e)ado e des-encarnado. Alguns me tomam como um oráculo ou profeta. O contraponto é ser percebido como um demônio ou feiticeiro, caso não corresponda a essas idealizações. Tanto numa dimensão como na outra (na verdade, dois lados de uma mesma moeda) a situação é persecutória e precisa ser evidenciada. O desprezo pelo analista-ser-humano comum também é o que pode se seguir uma vez desfeita a ilusão. Cabe ao analista sustentar a desilusão e sua queda dos céus ou infernos para a terra dos mortais comuns.

Verifico amiúde nos meus atendimentos, em um primeiro momento, uma espécie de surpresa e às vezes um choque, por parte dos analisandos, pela forma direta e sem rodeios que abordo questões relacionadas à sexualidade e a outros temas que são vistos como tabus, como racismo, inveja, ódio, ciúme, mesquinhez, evidências de estados religiosos de mente, sobretudo dos que se acreditam não religiosos, de uma maneira que pretendo apenas descrever essas questões humanas e deixá-las explícitas para que delas possam se dar conta, sem que isso implique uma meta de correção ou cura, mas sim de torná-las conscientes para que se possa pensar com base nelas e possivelmente negociar com as mesmas a partir do momento em que se tornem reconhecidas e assimiláveis.[11]

Considero que a naturalidade com que me expresso livremente está associada ao longo tempo de análise pessoal a que me submeti.[12] Isso me permitiu ter um considerável contato com minhas próprias questões e limitações, para não me julgar capaz de olhar os outros de cima para baixo. Sinto-me muito receoso e preocupado quando me vejo diante de psicanalistas "curados" que pairam acima dos mortais comuns,

11 "P. A. – Eu me arvoro o direito de dizer coisas que são psicanálise correta apesar de serem dolorosas. Um cirurgião usa o bisturi, mas não se corta a carne por conta da dor que se inflige. Um sádico pode ser um cirurgião de modo a encobrir um prazer proibido. Eu posso ter de demonstrar que um paciente estava obtendo prazer sub-reptício da sobrevivência – sobrevivência ativa – de uma ideia emocionalmente carregada de que eu era um pai infligindo punição corporal" (Bion, 1991, p. 548).

12 Penso que cinco anos de análise didática são apenas o aperitivo da refeição que precisa ser feita, para que viagens em grande profundidade possam ser realmente possíveis.

"sublimados" de toda carnalidade e de limitações humanas.[13] É necessário fazer a travessia do Mediterrâneo e nos depararmos com todos os nossos Polifemos, Circes, Calipsos, Tifões, sereias, sátiros, centauros, Aquiles, Eneias, Turnos, Diomedes, Amatas, Camilas, Mezêncios, e entrar e sair do Hades etc., a fim de termos uma efetiva noção daquilo que nos habita para poder lidar com essas entidades que nossos analisandos nos trazem toda vez que entram em nossas salas.

Penso que uma análise bem-sucedida não é a que torna uma pessoa ajustada aos princípios sociais e culturais, mas sim a que a tenha ajudado a ser ela mesma, seja lá o que isso venha a ser. Se a natureza de alguém for turbulenta e intensa (também na sua sexualidade), isso não será alterado. Costumo comparar isso com a natureza da Islândia com seus inúmeros vulcões, terremotos e clima frígido. Essa natureza magmática é a fonte de sua energia que os islandeses aproveitam e que tornou essa terra a princípio inóspita, num dos países de maior IDH do mundo. Sabem, contudo, que essa mesma potencialidade pode levar tudo pelos ares a qualquer momento. É lidando com esses fatos incontornáveis, e se valendo deles, que se desenvolvem e podem ter a felicidade possível.

Freud foi tratado como uma aberração por chamar a atenção para o Édipo e para a sexualidade infantil – aquilo tudo só poderia ser fruto de uma mente degenerada (Jones, 1953-1957/1975, pp. 272-279). Se sua preocupação fundamental fosse a de ser um cidadão respeitável, inicialmente, teria feito como Breuer,[14] e sucumbido ao Establishment, tal como seria o "normal" de se esperar. Não obstante, também penso que a única maneira real de uma pessoa desenvolver verdadeira consideração pelos outros, uma ética própria e genuína, tal como advogava Sócrates, segundo Cornford (1932/2001), em contrapartida aos valores morais que são impostos de fora pra dentro, é ela ter real consideração por si mesma, por sua autonomia e opções, sejam elas quais forem. Freud e a psicanálise só se

13 "Considero a ideia de o desenvolvimento ser terapeuticamente significativo menos importante que a de que ele seja psicanaliticamente significativo …Toma-se de empréstimo à religião ou à moral ou à política julgamentos de valor moral ou social, sem que se leve em conta sua aplicabilidade à psicanálise …O desejo de ser um bom analista é um obstáculo a que seja um analista" (Bion, 1967, p. 138).

14 Quero deixar claro que a decisão e escolha que atribuo a Breuer pelo Establishment e pela respeitabilidade são legítimas e não merecem, a meu ver, qualquer desconsideração. Cada um deve saber onde o sapato lhe aperta. Destaco, porém, que a investigação e prática psicanalíticas seriam incompatíveis com a busca de reconhecimento e assimilação pelo Establishment.

tornaram efetivamente respeitados – ainda que em âmbito bastante restrito, porque ele teve real consideração por si mesmo e por seus pensamentos, a despeito de serem – não só naquela época, mas até hoje – percebidos como desviantes, anormais, perturbados e perturbadores.

Realço também o problema de o anseio da psicanálise tornar-se agradável, respeitável, normatizante e na norma. Associado a esses três primeiros fatores estaria o interesse de ser comercialmente rentável, um bem de consumo de massas. Essa conjunção, caso prevaleça, a posicionará num trajeto que levará a seu aniquilamento, tal qual tudo aquilo que é um bem de consumo de massas. Como destacou Hannah Arendt (2000), todo produto para consumo de massas tão logo é consumido, é descartado, porque não tem maior consistência e serventia, salvo a de um entretenimento passageiro.[15]

La sexualidad y la mente – una fuerza primordial y los conflictos con el moralismo en el propio núcleo del psicoanálisis

Resumen: El autor sostiene que la sexualidad es una fuerza primordial de la vida psíquica y describe que, a pesar de las apariencias, el moralismo es persistente en la práctica y el pensamiento psicoanalíticos, en su búsqueda por reprimirla o normativizarla. Argumenta que el papel del analista no es adaptar a los pacientes a las convenciones sociales o religiosas (a menudo la propia teoría "científica" utilizada está impregnada de esos valores), sino ayudarlos a reconocer y pensar sus impulsos y deseos sin prejuicio. Muestra, mediante ejemplos clínicos, institucionales, históricos y mitológicos, cómo los tabúes y las hipocresías institucionales producen sufrimiento y silencio sobre la vida sexual. Concluye que la finalidad de un análisis es presentar a un individuo a sí mismo, sea lo que sea que esto implique, de modo que pueda establecer una relación genuina consigo mismo; si no está en conflicto consigo mismo, puede volverse más capaz de lidiar con las demandas y los conflictos internos y sociales que se presentan.

Palabras clave: sexualidad, moralismo, psicoanálisis, hipocresía, verdad

15 Para a produção de produtos de entretenimento de massas Arendt destaca a necessidade dessa indústria valer-se de verdadeiras obras de arte originais, mas despojando-as de sua essência e tornando-as "agradáveis", para rápida digestão. Nesse processo, contudo, a obra de arte original acabaria destruída. As facilitações e banalizações das formações psicanalíticas certamente podem levar à permanência de um nome, psicanálise, mas cujo valor intrínseco pode desaparecer, ficando apenas a casca oca e vazia de uma moeda corroída.

Sexuality and the mind – a primordial force and conflicts with moralism at the very core of psychoanalysis

Abstract: The author argues that sexuality is a primordial force of psychic life and describes how, despite appearances, moralism remains pervasive in psychoanalytic practice and thought, in its attempt to repress or normalize it. He maintains that the analyst's role is not to adapt patients to social or religious conventions (the very "scientific" theory employed is often imbued with such values), but to help them recognize and think about their impulses and desires without prejudice. Through clinical, institutional, historical, and mythological examples, he shows how taboos and institutional hypocrisies produce suffering and silence around sexual life. He concludes that the aim of analysis is to introduce an individual to himself or herself, whatever that may be, enabling a genuine relationship with oneself – since, if one is not at odds with oneself, one becomes better able to deal with the internal and social demands and conflicts that arise.

Keywords: sexuality, moralism, psychoanalysis, hypocrisy, truth

Referências

Apolônio de Rodes. (2010). *Argonáuticas* (M. da G. Kury, Trad.). Perspectiva. (Trabalho original do século 3 a.C.)

Arendt, H. (2000). A crise na cultura. In H. Arendt, *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva.

Berthelsen, D. (1978). *Dia a dia com a família Freud: depoimentos da governanta Paula Fichtl*. Civilização Brasileira.

Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Karnac.

Bion, W. R. (1967). *Second thoughts: selected papers on psychoanalysis*. William Heinemann.

Bion, W. R. (1991). *A memoir of the future* (Rev. ed.). Karnac.

Castelo Filho, C. (2023). Os (des)caminhos de Édipo. Blucher.

Chandernagor, F. (1981). *L'Allée du roi*. Gallimard.

Cornford, F. M. (2001). *Antes e depois de Sócrates*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)

Freud, S. (1951). A letter from Freud. *American Journal of Psychiatry, 107*(10), 786-787. (Trabalho original publicado em 1935)

Freud, S. (2023). *Manuscrito inédito de 1931* (E. V. K. P. Susemihl, Trad., edição bilíngue). Blucher.

Jones, E. (1975). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1957)

Martel, F. (2019). *No armário do Vaticano: poder, hipocrisia e homossexualidade*

(A. L. Cardoso, Trad.). Objetiva.

Rhodes, J. (2015). *Instrumental: memórias de música, medicação e loucura*. Globo Livros. (Trabalho original publicado em 2014)

Sackville-West, V. (1984). *The Edwardians*. Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1930)

Sackville-West, V. (2013). *Toda paixão exaurida*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1931)

Saint-Simon, L. de R. (1983). *Mémoires I* (Y. Coirault, Éd.). Gallimard. (Memórias escritas no século 18)

Saint-Simon, L. de R. (1984). *Mémoires II: Suivi de Lettre anonyme au Roi et œuvres diverses* (Y. Coirault, Éd.). Gallimard. (Memórias escritas no século 18)

Claudio Castelo Filho

claudio.castelo@uol.com.br

DOI: 10.67671/alter.2026.02

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.